

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**ADRIANA GONÇALVES DACCACHE**

**A PARTILHA DO SENSÍVEL:  
a experiência, o relato e a análise**

**Porto Alegre  
dezembro de 2008**

**ADRIANA GONÇALVES DACCACHE**

**A PARTILHA DO SENSÍVEL:  
a experiência, o relato e a análise**

**Trabalho de Conclusão do Curso de  
Especialização em Pedagogia da Arte, do  
Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Faculdade de Educação da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Andrade  
Pereira**

**Adriana Gonçalves Daccache**

**Porto Alegre  
2008**

## Agradecida

Agradeço sempre por tudo. Como o Profeta, sempre estou agradecida. Sempre sou agradecida.

Agradeço ao Profeta Gentileza por seu ensinamento de Gentileza, de Amorr e de Paz, fonte inesgotável para a realização deste trabalho.

Agradeço a esta universidade que me possibilitou um retorno muito feliz aos meus encantos, que me possibilitou o reencontro, que possibilitou descobertas de pessoas, de caminhos e de palavras.

Agradeço ao Rei da Peroba, meu pai, a Rainha da Peroba, minha mãe, e a minha Deusa-Reida, minha irmã por muitas descobertas, por muitas “primeiras-vezes”, pelas gargalhadas, risos, pelo segurar na mão, pelo colo, enfim, pela possibilidade de uma existência calcada no Amorr, na gratidão e na força de vontade.

Agradeço aos alunos do Instituto de Artes da UFRGS que participaram da ação Gentileza Gera Gentileza na rua. Naquela partilha houve uma união, não somente por meu trabalho, mas por um trabalho de fato coletivo. Tenham a certeza de que naquele dia conheci uma felicidade que nunca havia sentido antes, uma felicidade que me possibilitou chorar sem tristeza, olhar para o outro sem esperar nada em troca.

Agradeço as amigas Claudia Zanatta e Claudia Paim pela gravação, pelos encontros divertidos, pelo incentivo e dúvidas.

Agradeço a amiga Regina Veiga pela insistência em me candidatar neste curso, pela diagramação desta monografia, pelas fotos e preocupação incansável.

Agradeço à Maria Ester, uma amiga inseparável, que chorou comigo quando precisei.

Agradeço aos colegas do curso de Especialização que me divertiram, que me ensinaram ao longo do ano.

Agradeço ao trio Carla Binfaré, Mariana Ramos e Rubia Pezzini, amigas de curso, que abraçaram a primeira ação com imenso carinho, além

da parceria diária, fosse nos encontros dentro ou fora da universidade.

Agradeço à Elizabeth Rodrigues da Cruz, minha sogra, pelo amor, pela aparição repentina e cheia de carinho num momento tão especial quanto foi o colóquio.

Agradeço ao Prof. Dr. Sergio Lulkin pelas palavras de gentileza, pelas piadas em horas tão oportunas, pelo que conheci em tempo tão curto.

Agradeço aos professores que conheci neste curso e que me são tão caros.

Agradeço muitíssimo ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo de Andrade Pereira, que com sua extrema paciência, dedicação, bom humor e força, soube ser mais que um orientador.

Agradeço a todos que contribuíram como puderam ou como souberam.

E por fim, agradeço muito especialmente ao Duque da Peroba, Rodrigo, que com seu encantamento fez tudo parecer mais fácil.

Para Rodrigo Núñez,  
Duque de todas as horas,  
parceiro de muita bagunça,  
de muito amor,  
de partilhas ao longo da vida.

***“O espírito de gentileza nunca ganhou centralidade, por isso  
somos tão vazios e violentos. Hoje ele é urgente.  
Ou seremos gentis e cuidantes ou nos entredivoraremos.”***  
***Leonardo Boff***

## RESUMO

O trabalho baseia-se na experiência da distribuição gratuita de adesivos com a frase “*gentileza gera gentileza*” ocorrida durante o segundo semestre de 2008 com alguns tipos de ações simultâneas. Descrevem-se duas ações coletivas e uma individual. As coletivas realizadas por grupos de pessoas que de forma voluntária distribuíram adesivos - foram feitas no campus central da UFRGS, tendo como público principal os discentes, docentes e técnicos administrativos; e no semáforo da avenida Oswaldo Aranha, tendo como foco principal os veículos. A outra ação, ocorrida individualmente partiu de uma situação cotidiana na qual a própria artista entregava os adesivos na cidade de Porto Alegre; nessa ação não se apresentava nenhum lugar, nenhum público específico que a determinasse. Esta pesquisa visa a coletar imagens e depoimentos que consistem em levantamentos fotográficos - tanto das ações coletivas quanto de locais onde foram colados seus adesivos - e o conseqüente relato das pessoas que participaram das ações ou mesmo as que somente os receberam. O trabalho apresenta, ainda, uma análise que desdobra o sentido da palavra gentileza e o modo como as pessoas experienciam o uso dessa palavra, apresentando como referenciais teóricos principais os conceitos de palavra de Philippe Breton e as relações estabelecidas entre público e artista de Antonio Cândido. A monografia reflete acerca da importância do uso da palavra “gentileza”, assim como, o desenvolvimento desse tipo de ação, que interrompe o fluxo contínuo do cotidiano.

Para tanto, foi criado um blog, lugar no qual se postaram os dados coletados e que serviram como uma espécie de diário de bordo, no qual o processo de construção da pesquisa foi compartilhado com o público.

**ATENÇÃO !**

**PERCEPÇÃO**

**REQUER**

**ENVOLVIMENTO**

Antoni Muntadas, 2002.  
Galeria Chaves Obra Aberta  
Porto Alegre



## SUMÁRIO

Introdução.....	10
Maluco para amar, louco para salvar.....	12
Palavras para Gentileza.....	14
O Gentelezear solitário.....	17
A palavra Gentileza.....	19
A ação gentileza a experiência.....	23
Análise da partilha.....	29
Eu, o objeto e o outro.....	34
A experiência, o relato e a análise.....	40
Relato de Adriana Daccache.....	41
Relato de Carla Binfaré.....	42
Relato de Mariana Ramos.....	43
Relato de Rubia Pezzini.....	44
Observador das situações.....	49
Relato de Adriana Daccache.....	51
Relato de Carmen Pucci.....	55
Relato de Débora Balzan Fleck.....	57
Relato de Regina Veiga.....	59
Relato de Maria Ester Fontoura.....	60
Relato de Lara Sosa Dias.....	61
Relato de Caroline Bauer.....	62
Relato de Fernanda Bruno Barroso.....	64
Relato de Mariana Wertheimer.....	65
Relato de Claudia Paranhos.....	66
Relato de Rodrigo Chaves.....	67
Relato de Thiago Esser.....	68
Relato de Cristiano Scotta.....	69
Recado de Márcia Tiburi.....	70
Meu caderninho de bolso e o fazer especial.....	71
Considerações finais.....	73
Referências.....	75
Apêndice - Fotos.....	77

## INTRODUÇÃO

*“Eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força o desgasta.”*

*Carlos Drummond de Andrade*

Esta monografia apresenta como objetivo de estudo um trabalho desenvolvido na área de artes visuais e aplicado na educação, num trabalho constante, e com inspirações filosóficas, versando a palavra como foco principal.

Este texto não é formado somente por palavras; existem também as imagens, os afetos, as partilhas por intermédio de um objeto específico um adesivo escrito *gentileza gera gentileza* em amarelo e vermelho - e de palavras, sobretudo da palavra *gentileza*, muito embora o partilhar, o querer partilhar e o envolvimento sejam fundamentais também.

A linha dessa monografia segue no sentido da prática da palavra *gentileza*, no relato dessa prática e na análise de ações diretas e indiretas, ambas coletivas, relacionadas a essa prática.

Percepção requer envolvimento, já disse o artista catalão Antoni Muntadas. E para o envolvimento se faz necessária a ação, seja ela direta ou indireta. Por ação direta considero a relação presencial entre o artista e o público, na qual posso considerar a ação do artista como mediação entre os dois. A ação indireta é toda aquela relação não presencial feita por intermédio da obra de fato e em fato propriamente dita, na qual não haja uma relação de mediação, ou seja, o objeto referido está posto diretamente ao espectador, sem a presença do artista.

Para o desenvolvimento desse trabalho, o envolvimento se fez presente por entre a palavra e entre pessoas.

Gentileza. Profeta e palavra que andam juntos numa caminhada longa. Jeito maluco para amar e loucura gigante para ajudar. Assim foi o Profeta que inspirou esse trabalho. Sua palavra de ordem foi a gentileza e fiz dela a minha própria palavra.

Gentileza. Ela se petrifica e nenhuma força a desgasta.



foto de Rodrigo Núñez

## MALUCO PARA AMAR LOUCO PARA SALVAR

### O Profeta



Desde os doze anos de idade, José já prenunciava uma missão. Achava que teria de "ter uma família, ter filhos, construir bens, mas que, um dia, teria de deixar tudo", como nos coloca Guelman (2000).

Ele fugiu de casa do interior de São Paulo, aos 20 anos, e foi para o Rio de Janeiro. Lá, casou-se e teve cinco filhos sendo “três masculinos e dois femininos”, como dizia o próprio Profeta.

No dia 17 de dezembro de 1961, em Niterói, no Rio de Janeiro, um circo pegou fogo vitimando quase todos presentes, sobretudo mulheres e crianças. A partir dali, o Profeta Gentileza decidiu tornar o local incendiado numa praça com muitas flores. Este foi o ponto inicial para começar sua pregação sobre gentileza.

Tornou-se *Jozze Agradecido* ou ainda Gentileza.

José Datrino pintou os 56 pilares do Viaduto do Caju, numa extensão de um quilômetro e meio em seqüência, entre as décadas de 1980 e 1990, às portas do Rio de Janeiro, com suas palavras de gentileza, de *amorrr* e de esperança. Alguns funcionários da prefeitura local “apagaram tudo, pintaram tudo de cinza” deixando as colunas de Gentileza sem o colorido e a graça de antes.

A obra foi recuperada e funciona como um Livro Urbano, como diz Guelman (2000). No início dos anos 90, com a obra concluída, Gentileza costumava ficar ao lado da pilastra de nº 01, sentado numa cadeira, acenando para todos como se

---

<sup>1</sup>Gentileza, letra e música de Marisa Monte.

estivesse na varanda de sua casa.

GENTILEZA GERA GENTILEZA era um dos lemas mais importantes de José Datrino, (1917-1996), que se intitulava *Profeta Gentileza*. Este foi o ponto inicial para começar sua pregação sobre gentileza. O profeta não era apenas detentor da palavra, mas principalmente possuía argumentos que sensibilizavam quem o ouvia, alterando comportamentos de uma coletividade (OLIVEIRA).



**Gentileza**  
Gonzaguinha

Feito louco  
Pelas ruas  
Com sua fé  
Gentileza  
O profeta  
E as palavras  
Calmamente  
Semeando  
O amor  
À vida  
Aos humanos  
Bichos  
Plantas  
Terra  
Terra nossa mãe.

Nem tudo acontecido  
De modo que se possa dizer  
Nada presta  
Nada presta  
Nem todos derrotados  
De modo que não de prá se  
fazer  
Uma festa  
Uma festa.

Encontrar  
Perceber  
Se olhar  
Se entender  
Se chegar  
Se abraçar  
E beijar  
E amar  
Sem medo  
Insegurança  
Medo do futuro  
Sem medo  
Solidão  
Medo da mudança  
Sem medo da vida  
Sem medo medo  
Das gentileza  
Do coração.

Feito louco pelas ruas...

## Palavras para Gentileza

**Gentileza**  
Marisa Monte

Apagaram tudo  
Pintaram tudo de cinza  
A palavra no muro  
Ficou coberta de tinta

Apagaram tudo  
Pintaram tudo de cinza  
Só ficou no muro  
Tristeza e tinta fresca

Nós que passamos  
apressados  
Pelas ruas da cidade  
Merecemos ler as letras  
E as palavras de Gentileza

Por isso eu pergunto  
À você no mundo  
Se é mais inteligente  
O livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola  
A vida é o circo  
Amor palavra que liberta  
Já dizia o Profeta



Estudantes nas ruas pelo impeachment do presidente Collor de Melo  
1992 - Rio de Janeiro/Brasil





GENTILEZZA \* GERR \* GENTILEZZA



## O GENTELEZEAR SOLITÁRIO

*“Perdemos a cordialidade e a natureza não é mais a mesma.  
Ela está lá, mas não nos dá mais alegria porque nossos olhos  
se turvaram pelo quadro da violência e o nosso coração  
dispara de medo e de desconfiança”  
Leonardo Boff*

O IIº Fórum Social Mundial chegou à Porto Alegre, em 2002, e achei que uma boa maneira de contribuir seria falar sobre a gentileza. Comecei *falando* com 500 adesivos, apenas. Em seguida, fiz mais mil e não parei mais.

O adesivo **GENTILEZA + GERA + GENTILEZA** surgiu depois de uma pesquisa acerca do Profeta Gentileza. Tive a intenção de contribuir para um mundo melhor, mais digno, mais generoso e gentil, com menos violência e desconfiança.

A idéia de vinil adesivo passou a existir a partir de uma conversa com a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Blanca Luz Brites, do Departamento de Artes Visuais e PPGAV do Instituto de Artes da UFRGS. Discutíamos acerca dos cartões de visitas que se perdem facilmente. Ela dizia na época que 'bom seria se eles fossem autocolantes'.

Assim, a pequena frase tornou-se adesivo reproduzido em cores bem vibrantes: amarelo e vermelho respeitando a tipografia criada pelo próprio Profeta Gentileza.

Nesse Fórum entreguei os adesivos a todos que se mostravam curiosos, ansiosos, enfim, a toda e qualquer gente que naquele lugar estivesse. E assim sempre aconteceu.

Só em Porto Alegre distribuí mais de 6 mil adesivos entre praças, lanchonetes, campus central da UFRGS, lotações e ônibus, além do próprio fórum.

Algumas ações com este adesivo foram feitas especialmente para exposições em locais institucionalizados, tais como o I Salão Aberto de São Paulo que foi uma exposição paralela a XXVI Bienal Internacional de São Paulo e o Centro Cultural

Jorge Zanatta, em Criciúma, Santa Catarina.

Tanto no Aberto quanto no Centro Cultural as ações eram de caráter mais performático, bem diferente das que faço pelas ruas. Ali funcionavam como um trabalho artístico direcionado como tal feito para existir naquele momento. Depois tudo se transformava em registro fotográfico e os adesivos ficavam soltos sem nada que me unisse ao espectador.

No Aberto funcionou como uma oferenda. Coloquei num *alguidar* flores e adesivos e durante toda a abertura do evento distribuí tanto uma coisa quanto outra. Para a exposição ficaram somente os adesivos e registros fotográficos.

Especificamente em Criciúma, como fiquei uns dias na cidade, intercalei ações diretas e indiretas, deixando uns adesivos espalhados ao acaso pelas padarias, lojas e num outro ponto do próprio Centro Cultural. Não apresentei registro fotográfico.

Existe uma diferença gritante entre distribuir num espaço assim e na rua. Num espaço institucionalizado as pessoas vêm até o adesivo porque sabem que uma performance acontece e que talvez algo seja distribuído ou que talvez o artista fique nu, enfim, eles se aproximam porque é uma ação que ninguém tem controle ou conhecimento. Na rua, as pessoas são interrompidas, são obrigadas a deixar de lado um pensamento linear para o recebimento de algum produto.

Como apresento este trabalho sempre sozinha, distribuindo e coletando eu mesma os dados que me interessam, desde 2002 e entre São Paulo e Porto Alegre, resolvi fazer desta ação individual uma experiência coletiva com maior possibilidade de envolvimento.

## A PALAVRA GENTILEZA

*“Fazer ver pelos olhos o que a palavra faz ouvir pelos ouvidos.”*

*Baudouin Jurdant*

As palavras produzem sentido.

O homem é palavra e tem a ver com a palavra. Até mesmo depois que a conhece, o homem tem a necessidade de continuar procurando-a, de lê-la sempre.

Partindo do pressuposto de que pensamos com palavras e não com pensamentos, acredito então neste poder que as palavras têm em fazer qualquer coisa conosco, em criarem realidades e até funcionarem como mecanismos de subjetivação. E como pensar não é somente arrazoar ou calcular ou argumentar, mas é, sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, como coloca Larrosa (2004), procurei criar um trabalho que pudesse levar adiante essa certeza.

Acredito efetivamente neste poder que a palavra tem, que exerce, nas coisas que fazemos com elas e também o que é feito conosco através delas. Talvez seja por isso que se tente tanto controlar ou desativar tantas delas.

Portanto, tem a ver com as palavras a maneira como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E a maneira como agimos em relação a tudo isso.

Se juntarmos então as palavras e as coisas e direcionarmos um sentido ou nomearmos esse conjunto, passaremos a ter mais que simplesmente palavras e coisas. A percebemos, enfim, são seguramente mais que simples palavras.

Adotei a palavra de um homem sábio, um homem que queria transformar o

Adotei a palavra de um homem sábio, um homem que queria transformar o mundo pelo *AMORRR*<sup>2</sup> e pela GENTILEZA, um cidadão comum que largou sua vida pessoal em favor do outro. O Profeta Gentileza.

Gentileza passou a ser minha palavra de ordem, minha ação, minha proposta de vida desde 2002. Na época lia *Brasil Tempo de Gentileza*, de Leonardo Guelman. Cheguei na frase mais usada por este profeta e que originou um de meus trabalhos: as ações com os vinis *gentileza gera gentileza*.

A palavra é mesmo mágica: ela gera entusiasmo, gera uma “militância da palavra” que se torna cada vez mais importante nas atividades humanas. A palavra vem carregada de “intenções particulares, mensageiras de valores pessoais”, segundo Gusdorf (1995). Por meio da prática da gentileza, da palavra de Gentileza, o entusiasmo e a militância também se fazem presentes. A palavra está cravada ao homem.

A intenção da palavra gentileza não é a discussão, mesmo porque ela não muda necessariamente as idéias ou os sentimentos pessoais, nem tampouco as idéias e os sentimentos de outrem, mas sim promove a conversação que é o que transforma as pessoas. Zeldin (2001, p. 25 ) nos diz que:

O tipo de conversação que [o] interessa é aquele do qual, no início, está-se disposto a sair ligeiramente diferente. É uma experiência cujos resultados jamais estão garantidos e que implica um risco. É uma aventura na qual juntos, tentamos apressar o mundo para torná-lo menos amargo.

Penso ter criado um blog justamente para isso, para poder partilhar as experiências todas, esses riscos todos, para que possa haver essa tal da conversação. O sentido de toda a palavra é nos fazer alcançar o humano.

Quanto mais longe for a palavra e neste caso também o adesivo -, mais suscitaremos as indagações. Nesse sentido elas servem para designar uma palavra pacificada, mais suave, mais autêntica, que se baseia no respeito ao outro, uma palavra mais justa como que de um homem mais humano. Por isso a militância da palavra, que deve ecoar para ser, já que elas nos afastam e nos aproximam na mesma intensidade.

---

<sup>2</sup> Gentileza referia-se à palavra AMORRR, com a letra R repetida 3 vezes, como “amor material se escreve com um R, amor universal se escreve com três R: um R do Pai, um R do filho, um R do Espírito Santo”.

palavra, que deve ecoar para ser, já que elas nos afastam e nos aproximam na mesma intensidade.

Nosso cotidiano é feito de palavras, ainda que nem todas tenham a mesma força, a mesma acuidade, por mais que vivamos entre desigualdades, sejam sociais, sejam intelectuais. Nos produzem impulsos que consideramos essenciais como a memória, a escuta, os afetos, raciocínio como Breton (2006) comenta.

Não podemos negar a força que a gentileza tem. Breton nos diz que é preciso levar em conta sua intensidade. É importante tomar a palavra para si, ouvi-la e lê-la, e fazer dela uma lugar-comum.

“Cada palavra, qualquer palavra, a menor delas, qualquer uma delas, é a alavanca de tudo”, diz Novarina (1999, p. 71). E ter essa palavra específica, de discurso forte e carregado de sentido, propicia a emoção e, por consequência, a adesão. É uma intenção. É uma provocação que vai de encontro as pessoas às quais se dirige, ou seja, é uma fala expressiva que gera mudanças, na maior parte das vezes, uma ação sobre o outro.

Há em nós a palavra interior que Breton também chama de palavra silenciosa. E essa palavra acontece em nós por meio de um diálogo que estabelecemos conosco e que nos transforma.

Como disse anteriormente, as palavras são dotadas de magia. Quando tentamos “influenciar” o destino, lutando contra as forças nocivas ou doenças, é precisamente a palavra que constitui o melhor remédio, o melhor recurso. A etnóloga Gaëlle Lacaze<sup>3</sup> nos diz que a palavra “manifesta a presença, no corpo, da força vital e é uma garantia de boa saúde da alma”. Ou seja, a palavra faz o homem.

E a palavra implica na escuta. Novarina (1999) diz que a palavra nos foi dada não para falar, mas sim para ouvir, e se a ouvimos mal, funcionamos mal. E funcionando mal, ouvimos cada vez pior e menos. É necessário que escutemos mais e com cuidado, que façamos da palavra, o progresso, visto que “onde há palavra, há progresso”, como nos coloca Breton (2006).

---

<sup>3</sup> A etnóloga é citada por Breton no livro *Elogio da Palavra. Rite de nouveaus ou fête nationale. La lutte et le tir à l'arc dans les jeux virilis mongols*, *Études mongoles et sibériennes* 30-31, 2000.

A palavra escrita, a palavra existente, gravada, colada, calcada, não é somente uma palavra solta, dita sem que haja a intenção de dizê-la. É uma palavra existente que nos mostra, sinaliza a sua própria existência entre tantas outras palavras que dizemos sem conseqüência.

Ela tem a materialidade de poder aderir-se, pegar-se, apegar-se, colar-se, é uma palavra que não se pode fugir. Ela nos remete a diversas ações, maneiras de nos posicionarmos. Ela vem e nos rebate perguntando se fomos algum dia gentis com o próximo e com nós mesmos. Será que fiz existir dentro de mim a gentileza?



foto de Antonio Augusto Bueno

## A AÇÃO GENTILEZA a experiência

Existem alguns significados e ou traduções para a palavra experiência, como a tradução *experiri*, do latim, que significa provar, mas deterei-me ao sentido em português. E aqui, esta *experiência* é o que *nos* acontece ou o que *nos* passa, o que *nos* toca.

Alguns confundem experiência com informação, com opinião, com falta de tempo e por fim, com excesso de trabalho. Experiência não é o que se acumula, o quanto se trabalha, o currículo que formamos ao longo da vida, mas sim, o que se vive, o que se experiencia, o que *nos* toca de fato.

A falta de tempo, por exemplo, priva a experiência cada vez mais. Tudo passa demasiadamente depressa, sempre depressa, cada vez mais depressa. E com isso, a experiência se reduz a quase nada.

A experiência é um acontecimento e esse acontecimento nos é dado como que em forma de choque, de estímulo, sensação pura, na forma de vivência instantânea, pontual e desconectada.

Larrosa (2004, pág 151-165), coloca que “o sujeito moderno é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito.” Ainda nos diz que este mesmo sujeito encontra-se permanentemente excitado e incapaz de silêncio. E nada lhe passa. Tudo o atravessa. Tudo o excita. Tudo o agita. Tudo o choca. Mas nada *lhe* acontece. Por isso, a velocidade, a falta de memória e de silêncio são incompatíveis com as experiências.

E com tudo isso, estamos mais tempo envolvidos com muitas coisas e acabamos tendo, por consequência, menos tempo com as experiências.

Nós nos relacionamos com o acontecimento do ponto de vista da ação. Sempre nos perguntamos sobre o que podemos fazer. Sempre estamos desejando fazer algo, produzir algo, arrumar algo. Queremos sempre mudar as coisas. “Não

somos apenas sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos”, diz Larrosa (2004), e por conta disso tudo não podemos parar.

A experiência, a possibilidade de que algo *nos* aconteça ou *nos* passe ou *nos* toque, requer um gesto de interrupção, um parar para pensar, um para olhar mais devagar, um demorar-se nos detalhes, um suspender a opinião, um suspender o juízo, um suspender a vontade, um cultivar a atenção e delicadeza, um escutar o outro, um cultivar a arte do encontro, um calar muito, um ter paciência e, principalmente, um dar-se tempo e espaço.

Experiência é um ponto de chegada.

Então, cheguei na Partilha. A partilha da palavra gentileza.

Benjamim (1984) dizia que “somente o indivíduo insensível a experiência é carente de sentido e imaginação”.

Participar de uma experiência é se expor, ou seja, quem não se expõe, não se opõe, não se impõe, não se propõe, por exemplo, por consequência, não experiencia nada. Fazer uma experiência significa permitir que algo nos aconteça, nos alcance e nos transforme de fato.

Como diz Larrosa:

“É incapaz de experiência aquele a quem nada *lhe* passa, a quem nada *lhe* acontece, a quem nada *lhe* sucede, a quem nada *lhe* toca, a quem nada *lhe* chega, a quem nada *lhe* afeta, a quem nada *lhe* ameaça, a quem nada *lhe* fere”.

Escolhi o vinil adesivo como suporte partindo de um comentário básico acerca de cartões de visita e de pequenos papéis que guardamos ao longo de um pequeno período e, instintivamente os perdemos: *tudo deveria ser autocolante*. E assim o fiz. Um adesivo com a frase mais célebre do profeta.

Depois de definir o suporte - o vinil adesivo - pensei nas cores que deveriam ser fortes e vibrantes, que estimulassem algum tipo de fome, de vontade por algum tipo de alimento. Surgiu o amarelo e como contraste, o vermelho. Distribuí



para ver o que aconteceria com “as letras e as palavras de gentileza<sup>4</sup>.”

Como o adesivo é de fácil aplicação e até mesmo remoção ou transferência passou a ser colado em qualquer lugar. Algumas pessoas colaram a primeira vez numa agenda anual, por exemplo, e depois o re-colaram enquanto possível. Por ser vinil, colar e descolar se torna mais simples, principalmente se adesivado numa superfície de couro, tecido, computador.

Refleti muito acerca do permanente e do provisório. E também da panfletagem, questão esta que não me deterei.

Mas entre um e outro dicionário, entre um e outro sítio de busca, a palavra *panfletar*, de origem inglesa *pamphlet*, se encontra como pequenos escritos, podendo ou não serem polêmicos e ou de divulgação. Então imaginei os panfletos que se acumulam todos os dias pelas ruas e optei por fazer das palavras de gentileza um colante aparentemente permanente através da adesão às superfícies diversificadas.



Em South Beach, Miami  
Imagem sem identificação

<sup>4</sup>Trecho de *Gentileza*, letra de Marisa Monte.


Disseminar papéis na rua é uma prática comum nas grandes cidades. Para quem transita pela rua, a ação de pegar mais um papel também se faz corriqueira. Distribuir um panfleto com a gentileza não seria tão interessante quanto distribuir um adesivo. Os papéis soltos se perdem, rolam pelo chão e, sendo assim, podem não funcionar como permanência de um registro, sendo mais facilmente esquecidos, deixados de lado, e sendo assim, não haveria a gentileza porque não haveria a palavra. Um panfleto teria um papel efêmero.

Quando vem um vento forte, elas  
voam como aves, as folhas de papel,  
como as folhas das árvores. Para longe, onde não  
sejam lidas mais.  
Antes estavam uma após outra, 3,4,5, na  
ordem. Agora soltas 9 agora  
entre 55 outras 13 folhas voadas 20  
de outras 43 mesas agora 18 as letras 7 soltas agora  
sobre 10 grama 62 da praça. Os pontos e as vírgulas  
espalhados como grãos de areia  
sobre a praia. Agora pousadas nas  
calçadas, de cara para as solas dos  
sapatos, nas poças, agora estão  
livres; as palavras.  
Araldo Antunes

É importante pensar no que se estabelece num encontro, ou seja, pensar no que se estabelece entre a entrega e o recebimento.

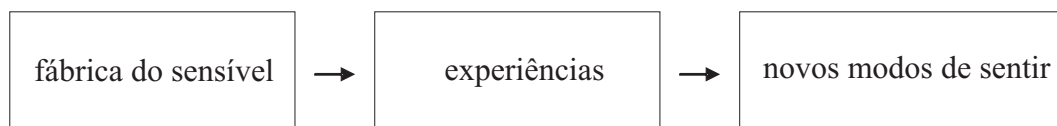
Quando se caminha, naturalmente se pensa em algo, seja um problema, uma alegria, enfim, um pensamento qualquer. E ser interpelado por alguém sorridente com um pequeno papel já que ainda não sabe se tratar de um adesivo vibrante sem cobrar nada, em formato diferente de um panfleto, no mínimo é desconcertante. Com isso, o pensamento se dissolve.

O vinil adesivo tem por característica a identificação com a pessoa que o possui, ou seja, eles são normalmente colados em locais que são bem vistos, em

objetos de uso cotidiano e às vezes coletivo em eletrodomésticos, em telefones públicos, em balcões. É como se antes de ver a pessoa individualmente víssemos aquilo que ela aprecia e isso é mostrado também através dos adesivos que ela possui, sejam escudos de clube, uma marca de roupa ou carro, um personagem de HQ, um elemento de consumo, símbolos de uso cotidiano como o próprio sinal de , dizeres e escritos e entre eles, a palavra gentileza.

Colar, aderir a uma superfície é uma maneira de não perder, de não jogar fora a *intenção* que se tem apreço. Colar um adesivo é mais que colar uma marca: é fazer da imagem uma marca pessoal.

A partir do momento que se *tem* a gentileza, aquela palavra e a pessoa serão inseparáveis, espalhando o adesivo e a palavra por todos os lugares.





GENTILEZA + GERA + GENTILEZA

GENTILEZA + GERA + GENTILEZA

## ANÁLISE DA PARTILHA

*“Eis porque o que é sentido na experiência [...] se desdobra [...]”  
Marcelo de Andrade Pereira*

As palavras dispõem de funções mágicas. Quando se procura, de alguma maneira e apesar de tudo, lutar contra as doenças e as forças nocivas, é precisamente a palavra que constitui a melhor possibilidade. Breton (2006) nos diz que as sociedades vêem na palavra um sinal de humanidade, que a palavra manifesta a força vital no corpo e que é garantia de boa saúde da alma. Assim, a palavra faz o homem. Assim, a palavra mágica faz o bem.

Os Doutores da Alegria são atores que iniciaram seu trabalho em hospitais em 1991 e depois em empresas, escolas, mercados públicos em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Atores vestidos de médicos-palhaços que tratam das doenças da alma e não das do corpo. Intitulam-se médicos *besterologistas* e trabalham sempre com a proximidade. Com esse trabalho procuram quebrar barreiras e preconceitos, estabelecem encontros, contatos e buscam o olhar direto do outro.

Wellington Nogueira, fundador do grupo, afirma que “[...] como artista afeto à vida dela (criança) e ela a minha, e é isso que transforma meu olhar, meus valores e também é isso que torna a arte democrática para nós dois” (2006).

É, na verdade, um olhar para dentro do outro, uma transformação, um ser novo de novo, respeitando a essência do outro e aumentando a potência de energia.



Doutores da Alegria

Eles exploram diretamente o gesto, o tocar o violão, o cantar, ou mesmo o toque, e eu busco sistematicamente relações entre palavra e ação.

O que mais me aproxima dos Doutores da Alegria talvez seja a improvisação diante de uma cena real, uma potência de ação, as boas misturas, o contato olho no olho que permite entrar no outro para colocar um trabalho em prática. É um identificar, um reconhecer e um compartilhar que faz parte de todo o processo tanto deles quanto meu. É uma busca constante de encontros, de contatos e de cumplicidade.

Os Doutores da Alegria entram diariamente na vida das pessoas por intermédio dos quartos de hospitais, principalmente. Entro na vida das pessoas também diariamente, de forma sistemática, enviando um *e mail* com a frase no rodapé ou distribuindo os adesivos. Acredito que lendo o próprio *e mail* ou o próprio adesivo compreende-se mais especificamente o sentido da gentileza. A noção de proximidade tanto num caso quanto no outro, se faz essencial.

Burnier (2001) nos escreve sobre a visão conceitual das ações em teatro, sobre como elas podem modificar nossa realidade.

A ação modifica o espectador seja pelo desejo - desejar o que se é percebido pelos sentidos e se alcançado, retê-lo, como bem acentua Fausto dos Santos (2003, p.21) -, pela aspiração, determinação, seja pela curiosidade. Ela existe independentemente do nível de entendimento do espectador, quer seja pelo conhecimento, quer seja pela partilha.

Para um espectador há mais sentido na ação se houver a apropriação do objeto, ou seja, se o que lhe for apresentado causar-lhe algum tipo de reação.

A transformação do olhar e dos valores passa a ser construída a partir do contato, do afeto, da parceria que a arte nos possibilita. A transformação para todos, neste caso, os envolvidos.

A ação neste trabalho se dá pela partilha. Entendo como partilha mais que a divisão de; entendo-a como a participação do. Para a ação do partilhar se faz necessário, em primeiro plano, a percepção seguida de um envolvimento.

Procuro por pessoas em todos os lugares e, para esta pesquisa, minha intenção foi trabalhar na rua, especificamente no semáforo das Avenidas Oswaldo Aranha e Paulo Gama, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

*Meu universo é gente  
e de gente eu me alimento  
sentindo gostos profundos  
por vezes até nauseantes,  
levando minha razão  
pras raias do esquecimento.  
Gosto de todo tipo,  
de todo tipo de gente,  
gente magra, escura, feia,  
gente clara, gorda, atraente.  
Cada qual tem uma serventia,  
observemos pra ver:  
há gente pra gente olhar,  
há gente pra gente rir,  
há gente pra gente gostar,  
há gente pra gente partir,  
há gente pra gente beijar,  
há gente pra gente esconder,  
há gente pra gente mostrar,  
há gente pra gente comer;  
pra triturar e engolir,  
ouvindo escorregar por dentro  
e bem devagarzinho sentir  
o gozo daquele momento.*

Vou ao encontro do outro, sem o conhecer, tendo que trabalhar com o improvisado. Não tenho como me preparar previamente para aquela relação, somente ficar atenta ao momento de trabalhar a percepção do outro para o que está prestes a acontecer, a partir do que já está acontecendo, mesmo que ele não tenha percebido.

Esse momento que chamo *entrelinhas* é justamente o momento em que o

---

<sup>5</sup>Poema *Meu Universo é gente*, de Joaquim Cordeiro Filho, no livro *Morangotango - Poemas ou exercício de ridiculorimas*". Sem editora ou cidade. 1987.



outro se permite dizer sim ou não, se permite apresentar a dúvida do que acontecerá caso interaja. Esse é o momento que me dá a possibilidade de trabalhar sobre um fato: a aplicação da gentileza.

A partir do momento em que me posiciono e que interrompo o cotidiano do espectador, crio uma brecha na qual ele se defronta com alguma atuação que não pertence a sua rotina, desconcertando seu pensamento e permitindo até mesmo uma revisão de conceitos - desde a simples pergunta quem é esta pessoa maluca que me interpela?, até mesmo uma reflexão sobre o significado do objeto doado que pode interferir em seu cotidiano seja pela simples re-significação dele ou por uma re-elaboração de conceitos de vida -, na qual esse espectador passa a ser ativo na experiência do sensível. Essas experiências são maneiras de criar situações, são relações criadas como que como possibilidades de novas vivências.

Um de meus grandes desafios foi justamente essa intervenção na vida desse outro fazendo ou possibilitando um enredo com começo, meio e fim entre mim e o espectador, fosse ele ativo e ou passivo. Conhecer o olhar do outro e permitir ser conhecida pelo meu. Sempre procurei o olhar curioso, diverso, repleto de possibilidades.



foto de Bibiana Macedo

## EU, O OBJETO E O OUTRO

*“Hoje, na arte, as coisas valem pelo que são em si mesmas.  
A expressão é imanente.  
As coisas não são eternas, mas precárias.  
Nelas está a realidade.  
No meu trabalho, se o espectador não se propõe  
a fazer a experiência, a obra não existe.”  
Lygia Clark, 1968*

Este trabalho propõe a comunhão de um trio: o artista + o objeto + o outro e ele só existe plenamente quando esse trio se estabelece junto.

Todo processo de comunicação (artística) pressupõe um artista, um público e uma obra e, por consequência, como coloca Antonio Cândido (2006), um quarto elemento que vem a ser o efeito.

Não é minha intenção sujeitar esta incompatibilidade a uma idéia uníssona, mas sim, aceitar as incompatibilidades, buscar olhares diferentes, tudo por intermédio de minhas ações mediadas por meus objetos, nesse caso, os adesivos. Em algumas vezes, o que mais nos falta é o que mais desejamos (SANTOS, 2003), e é, às vezes, pelo objeto em questão que o espectador atua.

A palavra expressiva não deixa de provocar uma mudança nas pessoas às quais se dirige. Essa palavra provoca, em muitos casos, uma mudança no outro. Ela é uma ação sobre o outro. A palavra como ação.

O espectador dá sentido e realidade à obra a partir do momento em que recebe e dá continuidade ao trabalho, seja repassando o adesivo, seja ele mesmo colando. O artista é o intermediário entre a obra e o espectador, é o agente que possibilita o entendimento.

Abro parênteses para dois trabalhos distintos e próximos, ao mesmo tempo. Apresento alguns exemplos do mesmo tipo de relação abordada por mim neste

projeto. Os artistas Juan Mann e Ana Teixeira.

Um destes trabalhos foi executado por Juan Mann<sup>6</sup> e é chamado de *Hugs Free*. Referia-se a um sentimento de solidão, de distância e aproximação, ao mesmo tempo. Ele escreveu as palavras *Free Hugs* (abraços gratuitos) em uma placa e foi para um lugar bem movimentado esperar pelo tão desejado abraço. Esperou por cerca de 15 minutos até que uma pessoa se aproximou e contou-lhe que na manhã daquele dia o seu cachorro havia morrido e que coincidentemente era o aniversário de falecimento de sua única filha. Ambos se abraçaram e o sentimento de solidariedade e felicidade que emanaram fizeram Juan perceber que todos temos problemas e que seria sempre interessante encontrar alguém para poder dividir ou amenizar esse sofrimento e nada melhor do que um bom abraço.

Walter Benjamin (1995) nos diz que “assim é a força de um texto, uma se alguém o lê, outra se o transcreve”. Quando a palavra e o ato estão juntos, quando as palavras não são vazias, nem os atos brutais, quando as palavras não servem para encobrir intenções, mas sim para revelar qualidades, quando os atos não servem para transgredir e extinguir, mas sim para estabelecer relações e criar novas realidades, quem lê a palavra, neste caso a palavra gentileza, se sente inteiramente tocado.

Num depoimento Juan Mann disse que “todo mundo tem problemas e certamente o [seu] não pode ser comparado com os outros. Mas ver alguém que antes estava carrancudo, sorrir por pelo menos um momento, sempre vale a pena.” E com o *Gentileza Gera Gentileza* também é assim. A pessoa que pega o adesivo e o Compreende, sempre sorri, parece que tem a necessidade de falar sobre algum conhecido que precisa da quele objeto com urgência. É a urgência da gentileza e do cuidado para com o outro.

---

<sup>6</sup> Não consta data do primeiro abraço



Free Hugs - Abraços grátis

Ana Teixeira, artista do interior de São Paulo, em alguns trabalhos como *Troco-Sonhos* (1998 2006), *Tausch/Troca* (2004) e *Outra Identidade* (2003 2006) vem partilhando objetos, palavras e pensamentos com o espectador pela s ruas, parques e praças. Ana tem uma atuação artística indissociável da relação direta com as pessoas na rua.



Troco Sonhos, 1998 – 2006.



Troco Sonhos, 1998 – 2006.



Tausch/Troca, 2004.

Em seu trabalho *Escuto histórias de amor*, por exemplo, ela literalmente escutava histórias de amor enquanto tricotava uma lã vermelha. Era a relação entre o objeto lã e o ato de contar as histórias que permitia o aconchego, a confiança, o acolhimento, o estreitamento que consentia o partilhar de histórias e de segredos. A interação entre público e artista com um objeto partilhado, de algum modo. Havia a dramaticidade entre o contar o segredo, a história de amor e o tricotar uma manta vermelha.



Escuto histórias de amor

Meu trabalho e o de Ana são precedidos de uma suspeita, ou seja, a ação que se propõe é quase sempre duvidada pelo espectador que normalmente é abordado em lugar público. É o objeto por intermédio da ação que vai ao encontro do espectador e não o contrário. Os objetos sempre carregam uma carga simbólica que podem ser comuns entre o espectador e o artista: ele reconhece o objeto como parte de seu cotidiano. Pode ser um jogo de palavra, um sonho, uma maçã, uma pessoa tricotando, um adesivo, tudo faz sentido. Pode não estar no lugar certo, mas tudo faz sentido. O que não é familiar, o que não é comum é o oferecimento, essa possibilidade de compartilhar, essa necessidade da troca/partilha, por isso a estranheza. Ana fala:

“sempre digo que não se ensina ninguém a desenhar, mas pode-se ensinar a olhar. E o olhar pode ser mais e mais aprofundado, diverso, curioso. Esse mundo tão cheio de armadilhas merece de nós um olhar *sherlokiano* e isso se aprende sim” (2002).

Este trabalho propõe a dependência entre as três instâncias das artes, como ações diretas: espectador, obra e artista. Não se trata de negar a autonomia das partes, mas sim, de buscar pontas em que elas possam conviver, tocar-se e tangenciar-se. Uma mistura entre a artista Ana Teixeira e os Doutores da Alegria, entre Juan Mann e Doutores da Alegria e entre Ana Teixeira e Juan Mann. Uma ação modificadora entre ambas as partes, como disse Burnier (2001).

Como mencionado anteriormente, Os Doutores da Alegria somente entram em cena quando o outro lhe dá o aceite, quando o outro lhe permite entrar no quarto do hospital. O espectador não é mais o agente passivo, mas sim o ativo. Há sim uma ligação entre o proponente e o observador.



Foto de Jener Gomes

## A EXPERIÊNCIA, O RELATO E A ANÁLISE

*“Estabeleci relações de toda espécie, mas ainda não achei companhia efetiva.  
Não sei o que tenho de atraente aos olhos das pessoas,  
há tantos que se agradam de mim e a mim se prendem,  
que chega a me doer ter de abandoná-los, depois de os  
acompanhar por trechos que as vezes se mostram tão curtos.”*  
Goethe

A primeira ação ocorreu na frente da faculdade de Educação desta universidade, na disciplina Plásticas, gráficas, pictóricas, visuais, da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Zordan. A proposta da disciplina era uma ação que ocupasse o espaço.

Decidi executar, pela primeira vez, a ação do gentileza de maneira coletiva. O grupo foi composto por quatro integrantes: Carla Binfaré, Mariana Ramos, Rubia Pezzini e eu. Contamos com um fotógrafo, Rodrigo Núñez, que sempre acompanha minhas ações pessoais. Para esse primeiro registro também convoquei amigos e desocupados de plantão

Nos posicionamos em frente à porta de acesso à Faculdade de Educação com uma faixa semelhante ao adesivo, porém, nas medidas 4 x 0,70 m como as faixas-propaganda em sinaleira, com a frase *GENTILEZA GERA GENTILEZA*. Todos nós estávamos com camiseta branca com a frase impressa em serigrafia. Cada uma de nós tinha 100 adesivos para distribuição e nos revezávamos com a faixa. Essa ação aconteceu entre as 18:15 horas e 18:45 horas, no dia 06 de outubro.

A seguir, coloco na íntegra os depoimentos das colegas desta primeira ação coletiva e o meu próprio.



07 de outubro de 2008

Ontem foi a primeira vez que fiz o gentileza em grupo. Foi em frente a FacEd, junto com a Carla, a Mari e a Rubia.

Comecei dura, como sempre, e fui me soltando aos poucos. Foi interessante, mas por vezes me senti como que 'coordenando' o grupo. (...) é lógico que direcionei tudo um pouco, visto que as meninas nunca haviam feito esse tipo de ação antes.

Literalmente persegui uma mulher que não queria o adesivo. Fui atrás tentando justificar o trabalho e quando me dei conta do que estava fazendo, parei.

Entrei no bar do Antonio<sup>7</sup> para pedir autorização para distribuímos os adesivos. Foi muito interessante. A moça que atendia no balcão pediu vários, colocou em seu próprio boné e posou para fotos. Disse que estava feliz por participar de um 'movimento' como aquele.

Uma outra moça recusou o adesivo porque achou ou que tivesse que pagar ou que fosse 'santinho de eleição'. Quando percebeu que não era, ela pegou, sorriu e ficou olhando por um longo tempo (quando observamos, os segundos parecem não ter fim).

Conheci uma professora que mostrou-se interessada em participar de uma próxima ação.

Estou contente com o resultado desta primeira partilha em grupo.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Bar do Antonio é um dos bares dentro do próprio Campus do centro da UFRGS.

<sup>8</sup> Trecho extraído de meu próprio caderno de bolso.

GENTILEZA + GERA + GENTILEZA

Oi, Dri.

Carla Binfaré

Fiquei pensando muito tempo sobre o que eu iria dizer em relação ao ato de doar na faculdade....

Antes de acontecer pensei muito sobre as palavras e o poder das mesmas e acredito que GENTILEZA GERA GENTILEZA.

No dia em que nos reunimos para distribuir os adesivos foi um dia muito especial, pois tudo aconteceu tão rápido, mas deu tempo de pensar e muito a respeito de tudo.

Segurar a faixa foi muito tranqüilo, mas no momento em que começamos a distribuir os adesivos as reações foram as mais diversas. Algumas pessoas pegavam o adesivo e sorriam, dizendo já conheço, outras passavam reto com um certo ar de desprezo, talvez nem se dando conta de que era algo interessante e que não custava nada pegar e olhar. Como as pessoas não olham o que está acontecendo em seu entorno!

Algumas pensavam que era uma propaganda ou algum santinho político.

Em contra partida as pessoas que ganhavam e eu falava a palavra ficavam com um sorriso no rosto e isso foi muito forte a troca que aconteceu. Acredito que esse ato de doar algo pelo ato de doar é de uma grandeza e de uma generosidade que só experimentando para saber como é.

Pensar sobre as imagens e o que elas nos provocam é o que move e faz com que mude algo dentro da gente, mas olhar e pensar mesmo. Valeu a parceria e a experiência de compartilhar um pouco da tua arte. Beijos com carinho da Carla<sup>9</sup>



---

<sup>9</sup> Enviado por e mail no dia 24 de Outubro de 2008, às 14:38 hs.

Adri, querida, aqui vão algumas palavras sobre nossa "Gentilezação"

Ao idealizarmos a Gentilezação, ocorrida no último dia 06 de outubro, a primeira que realizaste em conjunto, fiquei sem saber muito o que nos esperava, pois nunca havia feito este trabalho e nunca tinha te visto fazê-lo também, apenas o conhecia.

Não tinha idéia de como chegar nas pessoas, o que precisava ser dito - se é que precisava - enfim, só sabia o que devia fazer. Aos poucos fui percebendo que basta realmente a gentileza e a entrega, a doação.

No início abordava as pessoas com um sorriso e dizia olhando nos olhos "uma gentileza", aos poucos, fui vendo que as palavras se faziam desnecessárias, mas o sorriso era essencial, pois ninguém doa nada a ninguém de cara fechada. Doação pressupõe entrega, e entrega significa estar inteiro, desejando estar realmente fazendo aquilo que se propõe.

Nos dias de hoje, no mundo agitado em que vivemos onde as pessoas estão sempre correndo, atrasadas, irritadas, muitas delas não estão acostumadas a aceitar uma gentileza. Ao abordar uma pessoa, que sequer te olha nos olhos e apenas devolve uma indiferença, é como se devêssemos sentir culpa por sermos gentis. Mas, ao abordar uma pessoa com um sorriso e uma gentileza e receber de volta um outro sorriso e um olhar agradecido, a coisa muda de figura. A doação se completa. Na verdade deixa de ser apenas uma doação e passa a ser uma troca. Uma troca como a que fazemos com as pessoas que nos são queridas, ao chegarmos em algum lugar e não precisar dizer nada, apenas saber que somos bem-vindos pelo olhar que nos recebe.

Com carinho, Mari, uma gentilete



GENTILEZA \* GERAR \* GENTILEZA

Minha querida Adriana Daccache!

Hoje estou de feriado de manhã pelo dia do professor. Enquanto a roupa se lava na máquina, resolvi não somente lhe parabenizar, mas escrever algumas palavras - e não “folhas” - sobre a nossa intervenção da aula da Paola. Devo lhe explicar o tardar de tal ato pelo simples fato de que pensar e rebuscar palavras que façam sentido já não é fácil, quando muito quando estas serão lidas por tão nobre celebridade da arte, da inteligência, criatividade e amabilidade que é você. Posso lhe dizer que foi uma experiência muito interessante, não somente pelo ato de compartilhar a idéia de que ser gentil é bom e saudável e pelo fato de você ter essa atitude espera que o retorno seja o mesmo. Mas de ter a oportunidade de “invadir” a vida ou o percurso da vida que esta pessoa está realizando naquele momento. É o imprevisível, o inusitado que faz com que você se revele como pessoa, tanto para quem entrega como para quem recebe o adesivo. Então algumas respostas diferentes de outras acontecem. Algumas pessoas receberam o adesivo, gentileza gera gentileza, com alegria e curiosidade, outras querem além desse, mais um para dar a alguma pessoa que não está ali, mas que de alguma forma se fez presente, pois foi lembrada pela pessoa que adquiriu tal adesivo. Outras, por talvez acharem que era propaganda política, nem olhavam e seguiam com caras amarradas. Mas são reações momentâneas, que de alguma forma vai mexer com o sujeito. Estas reações poderão levar a uma mudança de atitude lá na frente, é uma rede que se concretiza e se faz presente na vida de todos nós como se fosse uma corrente do bem, de ter atitudes benevolentes quem sabe?

Espero ter contribuído com a minha presença na distribuição desses adesivos não somente nessa rede, mas de poder ajudar o alargamento destas idéias e atitudes de generosidade e *gentileza*.

Um grande abraço.

Rubia<sup>10</sup>



---

<sup>10</sup> Enviado por e mail no dia 15 de outubro de 2008, às 14:46 hs.

Muitos alunos, professores, técnicos administrativos e curiosos passavam por ali com olhares curiosos e apressados. Algumas pessoas perguntavam o que acontecia, outras nem queriam saber.

No início foi bastante complicado visto que sempre desenvolvi a distribuição sozinha, mas aos poucos nos acomodamos umas às outras e toda a partilha pôde ser feita tranqüilamente.

As pessoas passavam apressadas por entre as mesas do bar da Educação, cada uma com seu destino: aula, encontro, café, casa, etc.

Muitos conhecidos fotografaram a ação.

A segunda ação também foi executada coletivamente, contando desta vez com um grupo de 23 'assistentes' e que ocorreu no semáforo entre as avenidas Oswaldo Aranha e Paulo Gama por ficar bem próximo à UFRGS, por onde muitos estudantes, professores, técnicos administrativos e pessoas comuns passam diariamente, e por ser uma avenida de grande fluxo de veículos motorizados que se dirigem ao túnel e à saída da cidade constantemente. As ações se desenrolaram em horários e locais diversos para que pessoas diferentes pudessem participar.

Particpei da distribuição na faixa de segurança e por entre os carros. No semáforo foram distribuídos em torno de 2 mil adesivos.

Acredito que estejamos todos muito envolvidos, ou melhor, fascinados com o “mercado, o shopping, as celebridades e a vida feliz do consumo”, como disse Márcia Tiburi em Ensaio sobre a cegueira, postado em seu blog, “nós somos cegos e sabemos”. E com tantas coisas para cuidar, para fazer isto implica a família, os livros, a casa, os relacionamentos, e também os humores às vezes nos esquecemos dessa palavra tão simples de se aplicar porque estamos sempre envolvidos por outras situações.

Ser gentil não é abrir a porta do carro, mas sim, poder sorrir para um desconhecido, ser educado e amável com alguém, praticar um gesto de atenção. Estas afirmações se encontram no blog deste projeto <[www.apartilhadossensivel.blogspot.com](http://www.apartilhadossensivel.blogspot.com)>.

Em *A Corrente do Bem*, um filme do ano de 2000 e com direção de Mimi Ledera, a paixão de um professor pelo ensino e pela vida inspira seu aluno *Trevor* a praticar atos de generosidade e ao mesmo tempo o instiga a criar uma pequena ação totalmente voluntária que leva o mesmo nome do filme. A idéia é baseada em três premissas: fazer por alguém algo que este não possa fazer por si mesmo; fazer isso para três pessoas; e cada pessoa ajudada fazer isso por outras três. Assim, essa corrente cresce em progressão geométrica e numa escala rápida, segundo o próprio Trevor, “de três para nove, daí para 27 e assim sucessivamente”. Trevor nos diz bem seguro que devemos “ter uma idéia para mudar o mundo e colocá-la em prática”.

Numa das primeiras cenas do filme há um pequeno diálogo entre um jornalista que teve seu carro partido ao meio, e um advogado que passeava com seu cachorro pela chuva, a noite, e que transcrevo a seguir.

- Está me emprestando seu Jaguar? (o jornalista, referindo-se a marca Jaguar de automóveis que faz carros “de luxo com muito conforto, potência e segurança”).

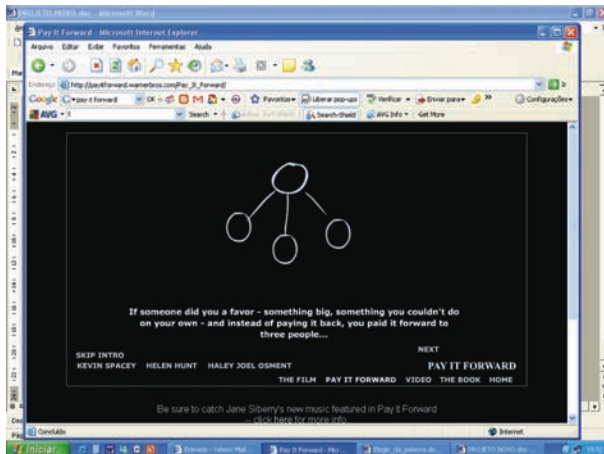
- Não. Quero que fique com ele. Tenho tido muita sorte. Não preciso dele. É só generosidade entre estranhos, diz o advogado.

- Generosidade? Isso é um Jaguar! É só levá-lo para casa e pronto?, pergunta o jornalista.

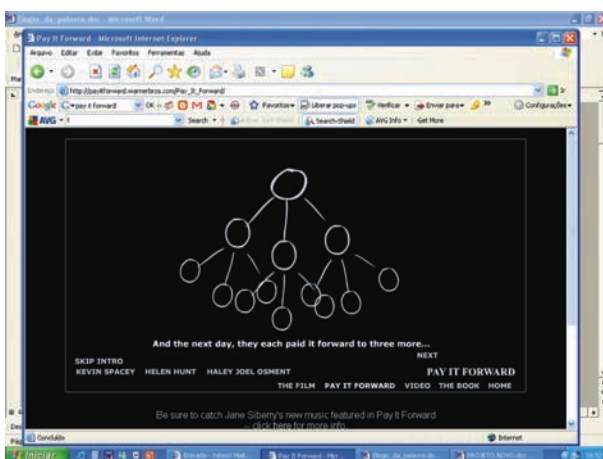
- Exatamente!, responde o advogado.

Em outra cena de igual importância, o professor coloca que “há um mundo lá fora e mesmo que não queiram enfrentá-lo, vocês vão senti-lo como um tapa na cara. Podem confiar. Então é melhor começar a pensar no que ele significa para vocês agora. O que o mundo significa para vocês?”

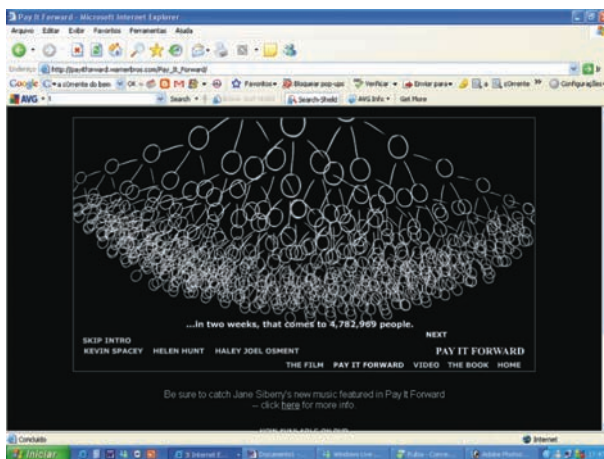
Desenho feito pela personagem Trevor para exemplificar sua prática da generosidade.  
<[Http://payitforward.warnerbros.com/Pay\\_It\\_Forward](http://payitforward.warnerbros.com/Pay_It_Forward)>



Início do processo de fazer o bem - a corrente



A pessoa que iniciou a corrente + as 3 pessoas a quem foi concedida uma realização.



A propagação da corrente pelo mundo afora.

Praticar a gentileza.

Aceitar uma gentileza.

Multiplicar a palavra. Praticar o bem para que o bem avance. Ser gentil para que a gentileza prossiga. Fazer ativamente, a gentileza.

Pensando como veículo de minha própria ação e ainda essa ação somada à ação do outro, passamos a ter juntos alto potencial multiplicador da força no embate com a vida.

A aproximação por intermédio da palavra gentileza gera a confiança, o que nos torna diretamente ligados um ao outro, nos permite acreditar realmente no outro e assim, partindo da noção de proximidade, toda relação torna-se essencial.



## OBSERVADOR(A) DAS SITUAÇÕES

O blog como instrumento de propagação da palavra

*“Felicidade é um agora que não tem pressa nenhuma.”  
Adriana Falcão*

Criei um blog no dia 1º de julho de 2008 com o título de *A Partilha do Sensível* no qual estão postadas todas as atividades, o processo de trabalho e mais algumas enquetes. O título nasceu do livro com mesmo nome, de Jacques Rancière (2005), especificamente ao ler:

“Pelo termo de constituição estética deve-se entender aqui a *partilha do sensível* que dá forma à comunidade. *Partilha* significa duas coisas: a participação de um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição de quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas.”

O título do projeto inicialmente trazia a palavra doação e troquei-o, naturalmente, pela palavra *partilhar* que me absorveu por completo.

No blog faço as postagens de acordo com minhas necessidades sejam elas diária ou semanal. Nele, publico as fotos que faço ou recebo. Tem como função o registro do projeto.



"O vento que sopra de sudeste mantém as temperaturas amenas, principalmente no leste gaúcho. Em Porto Alegre, a mínima será de 11°C e a máxima não passará dos 23 °C". [Http://zerohora.clicrbs.com.br](http://zerohora.clicrbs.com.br).

Queridos...

É com muita alegria que conto como as coisas aconteceram entre ontem e hoje, dia em que fizemos a ação do "gentileza gera gentileza" no semáforo da Av. Oswaldo Aranha com a Av. Paulo Gama.

Foi sensacional!

Saí do Instituto de Artes depois da aula e fui caminhando até o portão do museu da UFRGS encontrar os *gentiletes*. Meu estômago tinha borboletas e pirilampos voando em disparada! Risos. Era bem assim, uma mistura de corrida e vôos rápidos, rasantes. Suava frio. Estava tensa. Era quase meio-dia e havia apenas duas pessoas.

O Rodrigo tentava me acalmar, mas tudo era em vão. As borboletas continuavam loucas. As pessoas não vem? Eu me perguntava.

Os meninos e as meninas foram chegando aos poucos, entusiasmados com o que poderia acontecer por ali. Eu não sabia ao certo, pois, nunca havia feito nada em uma escala tão grande. Poderia dar certo ou não.

Conheci uma amiga do Cristiano Scotta, a Carol Bauer, que decidiu participar conosco. Aquela menina trazia um sorriso no rosto que me acalmou. Não sei dizer o porque, mas foi assim.

Aos poucos fomos nos organizando, as camisetas e os adesivos foram sendo distribuídos e cada um foi indo em direção à calçada.

Minha instrução de comando: sorrir.

Saí em disparada para distribuir os adesivos e mostrar aos que tinham medo como era simples sorrir. Apenas sorrir e oferecer uma pequena gentileza. Quando percebi, todos distribuíaam os adesivos com bastante alegria.

Foi neste momento que resolvi parar e olhar de longe, de fora. Aquelas pessoas todas, que se dividiam entre alunos e amigos de longa data, estavam imbuídos de um sentimento único: o do espírito de gentileza. Todos se ajudavam controlando os três minutos do semáforo fechado “Cuidado... Vai abrir!” -, dividindo alguns adesivos seus com o outro que havia distribuído mais, enfim, de fato cuidando e zelando pelo outro, mesmo sem conhecê-lo.

Naquele momento me lembrei da primeira vez que distribuí o adesivo, em 2002. Lembrei do que senti quando a primeira pessoa o pegou. Mas agora não era igual porque não dependia mais de mim. Me senti muito feliz, muito bem, achando que de fato um mundo melhor se concretizaria se praticássemos mais ações como aquela.

Aconteceu um pouco de tudo... "Olha o cara da carroça!", "Olha o carro forte: ele abriu a janelinha!", "O cara do caminhão, corre, ele quer mais!", "Que movimento é esse?", "O cara da carroça.. Lê para ele.", e por aí afora.

Todos, literalmente, vestimos e suamos a camiseta.

Alguns de nós almoçamos juntos e depois voltamos ao Instituto. Mais tarde, quando cheguei em casa, parei para pensar em como tudo havia ocorrido. Chorei bastante. Chorei porque me dei conta de que nunca, nunca mesmo, senti algo assim. Cheguei a conclusão de que isso era a tal da felicidade, de verdade. Fiquei um tempo zozna, sem saber o que dizer. Fiquei quieta porque o silêncio era mais bonito que qualquer palavra. Segui chorando por quase uma hora.

Hoje, muito feliz, e sem chorar, quero agradecer ao grupo que trabalhou realmente unido, não por meu trabalho, mas por um trabalho realmente coletivo. Agradeço muitíssimo a participação de cada um que contribuiu como soube ou como pôde.

#### Equipe de trabalho coletivo

##### O

Rodrigo Núñez (corrida, distribuição das camisetas, fotos, amor)

Regina Veiga (fotos e perseguição)

Claudia Paim (vídeo, buzina holandesa e aconchego)

Maria Ester Fontoura (adesivos, apoio emocional)

Caroline Bauer (adesivos, faixa e sorriso divino)

Cristiano Scotta (adesivos e faixa)

Roberto Chedid (adesivos e faixa)

Cláu Paranhos (adesivos e faixa)

Thiago Esser (trapalhadas, adesivos e faixa)

Rodrigo Chaves (adesivos e faixa)

Gustavo Rigon (adesivos)

Carmen Pucci (adesivos e depoimentos pessoais)

Luísa Berger (adesivos e faixa)

Giovana Leal (adesivos)

Glenda Soares (adesivos)

Fernanda Barroso (adesivos)

Mariana Maier (adesivos)

Mariana Wertheimer (adesivos)

Mariana Konrad (adesivos)

Lara Sosa Dias (adesivos)

Débora Fleck (adesivos e fotos)

Denise Monassa (adesivos)

Gwoene (adesivos e fotos)



## Carmen Pucci

Um dia qualquer, numa esquina qualquer.

Era uma sexta-feira de um dia de primavera, ensolarado, meio dia mais ou menos. Eu andava pela calçada rumo à UFRGS, conversando com meus botões e cumprimentando todas as pessoas que passavam por mim, algumas me olhavam com interrogação como a dizer “te conheço?”, mas respondiam e saíam com um sorriso nos lábios, como a pensar, “ta louca a coitadinha”, e eu? eu contabilizei mais um sorriso do dia. Quando faço isso, passo o dia feliz pois recebo resposta sempre, semmmmpre, e um sorriso de volta (seja de quem acha que me conhece mas não lembra, seja da criança, dos adolescentes, do gari, do flanela), mas um em especial me deixou emocionada. Quando saudei uma senhora idosa, que estava na frente de sua casa a espera de alguém, ela me respondeu em alto e bom som “QUE MARAVILHA, VOCÊ FEZ MEU DIA PASSAR DE CINZA PARA AMARELO, COM UM GRANDE SOL A ILUMINAR MEUS CABELOS BRANCOS”, foi lindo e eu saí com lágrimas nos olhos.

Mas voltando à sexta feira. De longe senti que havia algo diferente na esquina da Oswaldo com a não sei o nome da que vai para o túnel. Não era panfletagem comum para compra de AP, concerto de mil coisas, contribuição para todas entidades assistenciais e as faz de conta que são, nem gente esmolando ou importunando os motoristas e transeuntes, mas era sim uma turma em que todos vestiam camisetas brancas, alegres, coloridos, formada de alunos, professores e simpatizantes de uma causa que tem tudo a ver com nosso tempo e que algumas vezes não nos damos conta que um simples gesto, uma simples palavra, um simples olhar muda muito e pode mudar tudo para alguém.

### GENTILEZA GERA GENTILEZA

Quando vi, fiquei maravilhada, com uma vontade muito grande de participar, de tornar maior uma semente que a Adriana semeou em todos os e-mails que me mandou, da sua delicadeza e gentileza sempre, sempre, em qualquer lugar. Disposta a ajudar e contribuir para que todos sintam-se bem, preocupada em consolar uma colega emocionada, dando o seu abraço terno de mãe de todos, e ela estava lá, na esquina, junto com o Rodrigo e o pessoal do IA, com uma faixa enorme, amarela escrita com letras vermelhas aquelas palavras mágicas “GENTILEZA GERA GENTILEZA”. Estendiam na frente dos carros cada vez que o semáforo (sinaleira para nós) ficava vermelho. Tinha muita gente entregando as pessoas que passavam nas calçadas e aos motoristas, pequenas tiras com as mesmas palavras.

No início fiquei parada somente olhando, observando a reação das pessoas e mais uma vez tive certeza que podemos mudar esse ranço que está impregnando as pessoas, que na correria do dia a dia, enfrentam um trânsito caótico, problemas no trabalho ou falta dele, tempo escasso para a família, etc e ainda uma imprensa pessimista que só noticia tragédia, crime, fraude, violência gratuita e é conivente de um processo de massificação concreta do ser humano, quando é a favor de obras perniciosas à vida da população, que destroem a natureza e encaixotam o homem, em busca do lucro fácil.

E ali, parada, percebi que pequenas ações, geram reações. Num primeiro momento talvez as pessoas até coloquem fora a tímida tirinha da gentileza, mas tenho certeza que quando escutar ou ver a palavra escrita em qualquer lugar, lembrará desse dia em que uma pessoa lhe entregou uma gentileza com um sorriso.

É claro que houve alguém, e sei que foram muito poucos, talvez não complete os dedos de uma mão, que se recusaram a receber, mas um especialmente, eu vou descrever. A Adriana chegou com toda educação, com um sorriso e estendendo a mão para entregar ao motorista a tirinha e lhe disse (como todos estavam dizendo) “uma gentileza para você”, não pude acreditar que uma pessoa jovem como aquele rapaz fizesse tamanha grosseria. Primeiro balançou várias vezes a cabeça e fechou a janela de forma rápida e com cara de poucos amigos. Fiquei pensando: talvez já tenha sido assaltado “o pobre”, mas ali não estavam assaltantes pois o seu carro esta muito atrás de todos que já tinham recebido a tirinha, alguns que quase jogavam o corpo para fora da janela para ganhar a sua também, e ninguém buzinava de um carro que ficava parado mais um pouquinho para receber a sua. Buzinavam alguns mas para felicitar.

Os transeuntes também ganhavam e alguns se ofereciam para ajudar. Quase todos paravam para ver do que se tratava e saiam felizes com seus sorrisos soltos ao sol e vento fazendo com que essa alegria contagiasse a todos que encontravam pelo caminho.

Também não posso deixar de falar de Três garotas do Colégio militar, uniformizadas com suas boinas vermelhas, meia americana e sapatos pretos. Pararam na esquina e ficaram a contemplar a cena, e nos seus rostos estava estampada a mais genuína expressão de curiosidade misturada com um pouco de perplexidade, foi um momento que poderia fotografar e ganhar um prêmio, pois as meninas tinham a mesma expressão, a mesma postura corporal de quem precisa ir, mas que quer ficar mais um pouco para descobrir o que está havendo.

Chamei a atenção de algumas pessoas que estavam por perto e como todo bom artista também visualizaram um belo quadro. Pena que ninguém conseguiu fotografar.

Em algum momento, o Rodrigo me atirou uma camiseta, para participar, e parece que a simples mudança de uma roupa, nos remete para a frente de batalha, em que nos sentimos uma Joana D'Arc e somo capazes de lutar por aquilo em que acreditamos.

Parabéns Adriana, e a todos que levaram gentileza a muitos.

Carmen Maria Pucci



### **Débora Balzan Fleck**

Querida Adri,

participar do teu projeto também trouxe-me uma imensa alegria! Fico muito feliz em compartilhar desse seu momento tão especial e sensível!

Os fatos provaram (papo de advogado falacioso...), mais uma vez, a lógica de que gentileza atrai gentileza (na maioria das vezes, lógico, afinal toda regra tem exceção)! A prova disso é que conseguiste reunir muitas pessoas muito especiais ao teu redor e ao redor dessa idéia maravilhosa!

Ainda que as exceções marquem mais a nossa memória, jamais esquecerei dessa experiência, que foi única para mim. Sem falar que foi uma ótima motivação para a superação de algumas fobias públicas que tenho em relação ao trânsito e a transeuntes indispostos e intolerantes com a vida e com os seres humanos. Marcou-me, obviamente, aquelas reações mais inesperadas do público frente às gentilezas oferecidas.

Como a abordagem foi praticamente a mesma por todos que estavam ali (e ninguém tinha cara ou postura de "bandido perverso", muito menos de "pedinte oportunista"), a reflexão sobre as reações inusitadas dos que transitavam pelo local tornou-se inevitável.

Realmente, tentar encontrar regras para explicar determinados comportamentos humanos é demasiado desafiador.

Acompanhar a reação da mocinha medrosa diante da proposta, com os vidros completamente herméticos do seu carrinho popular, e até a da madame desligada, com as janelas abertas, por onde escapava o maior pagodão, do seu carrão importado, foi algo surpreendente. Acredito que elas mesmas surpreenderam-se com a oferta da gentileza (e ainda por cima "de grátis!"). O carroceiro, que provavelmente não sabia ler, chegou até a soltar as rédeas do seu sofrido condutor para tentar decifrar aquele enigma junto com o seu co-piloto.

O motorista de ônibus buzinou sem parar, elogiando a iniciativa (será que pensou que éramos uma ong?), enquanto os passageiros se esgueiravam pela janela para capturar mais uma gentileza.

Até o carro forte blindado desamarrou a sua carranca de "caveirão" e aderiu à proposta! Ficou bonitão e sorridente!

O policial civil, embora não deixando escapar sequer uma expressão sentimental do canto do seu bigode, aceitou a gentileza e guardou-a para utilizar em um momento mais oportuno, quem sabe... (seria bem legal se ele colasse no painel da viatura e lesse aquilo toda a vez que recebesse uma notícia pelo rádio da polícia!)

Teve até gente que acenou, gritou, pedindo por favor para ganhar uma gentileza!

Vi de perto muito medo, indiferença, exclusão, abandono, individualismo, frieza, solidão...

sentimentos compartilhados conosco em troca de uma atitude gentil apenas. Vi também muita alegria gerada com a identificação e com o reconhecimento dessa proposta, que mesmo simples é complexamente instigante e, acima de tudo, acolhedora.

Levei comigo esse aprendizado, o de que uma das maiores necessidades sensíveis do ser humano, desde o momento da sua concepção e durante toda a sua existência, é ser acolhido gentilmente por aqueles que lhe cercam.

Se esse sentir de acolhimento nos traz segurança afetiva frente à vida ou se nos faz acreditar mais nela, não sei... daí já é uma outra história, afinal admitir que precisamos de ilusões boas para viver é gerar uma grande gentileza para nós mesmos.

Parabéns pela idéia e sucesso para você nesse seu partilhar!

bjs

Débora

Regina Veiga

GerAção Gentileza

A sinaleira fecha.

Começa uma avalanche de gentileza, as pessoas são pegas de surpresa.

A gentileza chegou assustando.

- "Fotografa o motoqueiro aqui!" (diz o próprio).

- "Consegue um pra mim também!" (diz um carona)

- "Parabéns, muito legal essa iniciativa de vocês!" (diz uma pedestre).

- "Não, NÃO QUERO!" (diz um motorista fechando o vidro do seu carro).

Todos nós estávamos muito envolvidos com tanta gentileza. E ela ia sendo dada a todos, sem escolher a quem, como um presente. O difícil era parar.

- "Os meus acabaram. Quem tem aí pra me dar?"

Acabaram os adesivos. Foi uma hora de overdose de gentileza. Para nós, chegou ao fim. Mas ela, a gentileza, ganhou vida própria, ou melhor, VIDAS. E seguiu em várias direções.

Maria Ester Fontoura

Adri,

não sou muito boa em escrever. Mas a sensação que eu tive foi que a grande maioria das pessoas que receberam os adesivos, gostava daquele gesto de carinho. E as pessoas que estavam entregando, faziam esta entrega com este carinho que alguns, "sensíveis" percebiam.

Pois gentileza é sempre bem-vinda.

Beijos  
Maria Ester

**Lara Sosa Dias**

Muitas pessoas se fecham no dia-a-dia e se defendem do que vem de fora numa postura indiferente. Mtos nem olhavam pro lado, mto menos abriam a janela..isso pode-se dizer q foi a maioria.Mas tb teve aquelas pessoas q com uma conversa já se abriam e mostravam interesse, davam um sorriso ou pelo menos não se mostravam tão indiferentes.E uma pequena minoria era simpática logo de entrada e achava legal a idéia.Gostei de participar da intervenção..achei produtivo ver as reações das pessoas e tb em entender q nosso mundo atual esta assim. Cada um na sua, individualista e preso na sua bolha, com medo. Nem sempre estamos abertos ao próximo..mas a intervenção foi boa pra rever estes conceitos e nos aproximar, pelo menos um pouco, uns dos outros.

Grande bjo!

Lara

GENTILEZA \* GERB \* GENTILEZA

## Caroline Bauer

Oi, Adriana!

Bem, desculpa a demora em enviar meu relato, mas também estava super envolvida com a redação da tese.

Em primeiro lugar, queria te contar que minha participação foi completamente inesperada da minha parte, em todos os sentidos. O convite partiu do Cristiano Scotta, não lembro exatamente as palavras dele, mas ele já havia me falado sobre teu trabalho e me disse que haveria uma intervenção ao meio-dia de sexta-feira, e me chamou para participar. Mas eu não fazia idéia do que aconteceria. Depois, ao me encontrar com todos vocês na frente do Museu, fiquei um pouco constrangida em participar, pois conhecia pouquíssimas pessoas, e senti-me um pouco intrusa. Aos poucos, esse sentimento foi se dissipando, por uma série de motivos. Eu gosto muito desse contato direto com as pessoas, e foi um pouco disso que me fez escolher a carreira docente. E também militei durante muitos anos no movimento estudantil e, atualmente, junto a organizações de direitos humanos, e já fechamos muitas sinaleiras, ruas, e fizemos protestos por aí para reivindicar muitas coisas que parecer ter sido esquecidas. E gostei muito, demais, de participar da atividade por causa disso: da recuperação desse sentimento de solidariedade, de doação, de proporcionar sorriso e desconfortos. Desconfortos no sentido de romper o cotidiano dessas pessoas, e não somente pela entrega do adesivo, mas por fazer com que elas se lembrassem do ocorrido, partilhassem isso com suas famílias, e isso fosse uma memória sempre ativada a partir do momento em que olhassem o adesivo. Para mim, foi uma experiência riquíssima, um contágio de felicidade. Eu gosto muito desse ato de desprendimento, de poder ofertar algo para as outras pessoas, e o fato de ser um singelo adesivo escrito "gentileza gera gentileza", uma necessidade desse novo século, me deixou ainda mais feliz. Fora que a atividade proporcionou-me estar em contato com pessoas maravilhosas, espíritos felizes, que irradiavam isso nas brincadeiras, nas situações criadas, nas falas, etc. Acredito que o fato que me pareceu mais curioso foi quando entreguei um adesivo para uma viatura policial. Achei bastante significativo no sentido de que temos uma história de violência imbricada na sociedade brasileira, de forma que se conformou um autoritarismo que hoje é dado como natural, e se traduz em expressões como "... e tem que matar, mesmo". Gentileza não custa nada, como foi demonstrado naquela sexta-feira, e é bom ofertar e receber!

Fora isso, Adriana, queria te agradecer, novamente e imensamente a oportunidade de participar dessa atividade. Me fez um bem enorme. E fico muito feliz de poder contribuir para teu trabalho, também. Tu me pareces uma pessoa maravilhosa, e irradias isso todo o tempo.

Um beijo e um forte abraço!

Conta sempre comigo para mais e mais gentileza.

Estou levando um dos teus adesivos para Barcelona, aonde morarei a partir de julho do ano que vem.

Sei que talvez esse prazo não coincida com teu trabalho, mas estarás ao lado de Gaudí e pertinho do Dalí.

Mais uma vez, um abraço!  
Carol

GENTILEZZA \* GERB \* HZETITNEG

## **Fernanda Barroso**

O dia de distribuir Gentileza.

Fui sem muita expectativa, nem do que ia acontecer, nem do que ia fazer de fato.

Achei que ia só observar a movimentação e acabei participando ativamente. Meio sem jeito, meio sem saber direito como proceder, como abordar as pessoas. Sorriso no rosto e adesivo na mão e foi assim. Distribuindo gentileza para os motoristas (e passageiros), às vezes, para quem passava também.

Diferente participar de uma ação artística fora de um espaço de galeria. Ali era a rua, a rotina, o dia-a-dia. O trabalho da Adri foi abraçado pelo contexto físico, pela empolgação de cada um que vestiu a camisa e participou da distribuição e por quem recebia o adesivo. Talvez, muitos que receberam sequer desconfiam que tudo aquilo era parte de uma ação artística. Talvez, naquele momento, fizesse mais sentido pensar em alguma campanha de cunho social. Pouco importa! O trabalho seguiu em frente, de artista para público, de público participativo para público em trânsito, sem mistério e sem barreira. A mensagem foi adiante, de mão para mão.

Gentil e muito alegremente, fui parte disso!



## Mariana Wertheimer

### Experiência Gentileza

Tenho um grande fascínio pelas experiências novas e distribuir adesivos na sinaleira, em plena rua Oswaldo Aranha, foi muito bom para mim. Quanto mais velha vou ficando mais difícil é de ter contato com o novo, quando isto acontece parece que viajo um pouco no tempo e lembro da juventude onde tudo era descoberto. Gostei muito e para completar, a energia de sermos muitos e, todos fazendo o mesmo fortaleceu a experiência.

Estávamos todos dando, distribuindo um adesivo que tinha escrito Gentileza, era como se estivéssemos dando gentileza. Naquele momento o trabalho da Adriana Daccache se expandiu mais ainda e passou a ser de todos que estávamos lá distribuindo.

Depois do primeiro momento de colocar a camiseta e experimentar a sensação do momento novo comecei a perceber a reação e as emoções de quem estava distribuindo junto e dos motoristas que recebiam. As pessoas que distribuía, fotografavam e seguravam a faixa estavam todas contentes e unidas compactuadas com o mesmo objetivo. Sempre que nos entrelávamos trocávamos sorrisos, durante os pequenos períodos, quando a sinaleira estava aberta, se trocavam rapidamente as experiências foi como um “laboratório” de reações humanas.

Mais do que ajudar uma amiga ou conhecida, estavam todos ali para tentar dizer coisa a muitos desconhecidos “Gentileza Gera Gentileza”, ou - Vamos tentar fazer um mundo melhor?

Por último e talvez a coisa mais importante, foi o contato com os motoristas aos quais distribuía os adesivos. Tinham as mais diferentes reações. Uma pessoa super simpática, que me deixava extremamente contente, outras, agressivas que me deixavam incomodada, chateada, ou mesmo com raiva. Achei impressionante, muitos não queriam aceitar, pois estavam imaginando que íamos pedir algo. Coloquei-me no lado dos motoristas fiquei imaginando se não ficaria também, muito cabreira. Afinal o que mais tem em sinalerias são pessoas pedindo...

Bom, não fiquei muito tempo, mas no final me senti cansada e com fome, cheia de vontade de comer uma boa refeição descansadamente.

**Cláudia Paranhos**

**GENTILEZA GERA GENTILEZA**

A luz do semáforo fica vermelha.  
Corro para os carros.  
Tenho, estampada no peito, uma mensagem: “gentileza gera gentileza”.  
E, nas mãos, um punhado de adesivos com a mesma mensagem.  
Por dentro, um montão de emoções: medo, ansiedade, alegria...  
Nas veias, adrenalina.  
Percebo, no primeiro momento, o tempo: pouco tempo!  
A luz do sinal fica verde e ainda estou imersa em emoção, no meio dos carros.  
Quero continuar!  
Mas preciso correr para a calçada novamente.  
“Gentileza gera gentileza!” e a maioria das pessoas sorri, meio sem graça.  
Umhas poucas sorriem felizes e receptivas.  
Têm medo.  
De violência, de assalto, de que eu queira algum dinheiro.  
Algumas não abrem o vidro do carro.  
Ou abrem uma frestinha, por onde coloco o adesivo e digo feliz:  
“gentileza gera gentileza”!  
Sorrio.  
Não que eu queira ou planeje.  
Meu corpo inteiro sorri!  
Fico genuinamente feliz por participar de uma ação para o bem.  
Queria que o mundo inteiro fizesse isso, em todos os lugares!  
Queria poder dizer “gentileza gera gentileza” para cada pessoa que habita esse mundo!  
E que elas ouvissem.  
Porque, algumas, balançam a cabeça negativamente, encerradas no seu carro.  
Recusando qualquer espécie de emoção.  
Com os vidros e o coração fechados.  
Aceito. E sigo para o próximo espírito que esteja disposto a existir.  
Quando os adesivos acabaram, acabou também a minha voz.  
Sentia-me plena.  
Tinha dado o melhor de mim.  
E recebido o melhor da vida.

**Cláu Paranhos,**  
Porto Alegre,  
Novembro/2008.

### **Rodrigo Chaves**

Oi, Adri, escrevi um pequeno paragrafinho sobre a experiência de entregar os adesivos do Gentileza Gera Gentileza. Não é muita coisa, mas é a impressão que eu fiquei.

Bjs  
Rodrigo

Para mim, distribuir algo na rua sem absolutamente nenhuma segunda intenção foi uma experiência nova. Já distribuí panfletos, mas eram de propaganda, com uma intenção completamente diferente de distribuir os adesivos com o “Gentileza Gera Gentileza”. Distribuir os adesivos são como um ato de gentileza realmente deve ser feito, sem esperar nada em troca. O interessante é que, assim como isso foi uma experiência nova para mim, parecia ser uma experiência igualmente nova para muitas das pessoas que recebiam os adesivos. As reações variavam, e essa foi a parte mais interessante de observar. Algumas pessoas nem olhavam o que pegaram, outras ficavam curiosas com aquilo e perguntavam, alguns pediam mais adesivo e outras ainda queriam saber onde comprar as camisetas. Ou seja, as reações das pessoas são iguais à quando se faz alguma gentileza, algumas pessoas nem se dão conta de que estão recebendo, e outras querem mais, mas a maioria demora para entender o que está acontecendo. Realmente as pessoas não estão mais esperando por atos de gentileza

GENTILEZA \* GERA \* GENTILEZA

**Thiago Esser**

Cara AD,

Segue o meu testemunho sobre a "ação gentileza"... bobo como eu. Uma vez eu tinha trabalhado naquela sinaleira, a da Av. Paulo Gama, só que não era como dadante, e sim como pedinte. A gente precisava reunir uma grana pra viajar pro Rio, na Bienal do Estudantes de 2007. Conseguimos.

O interessante é que as reações, nos dois casos, foram as mesmas. Alguns não queriam nem saber, e outros adoraram e foram muito simpáticos. Alguém poderia até dizer: "se gentileza fosse bom, a gente não dava, vendia." Mas não é verdade, porque tem gente que não quer gentileza NEM DE GRAÇA. Moral da história: gentileza não é uma questão de etiqueta, de nível cultural ou social, mas sim um estado de espírito.

Fui! deitei o cabelo!

Bjo,

Thiago

**Cristiano Scotta**

Oi Adriana,

Desculpe a demora, estou passando pelo encerramento dos preparativos da maior mudança que já realizei. Término de curso, reforma na casa em Porto Alegre, mudança para São Paulo, organizar as coisas em São Paulo (entre reforma do espaço que irei ocupar e papeladas da empresa em que irei atuar).

Entre tantos preparativos, nada me trouxe tanta força e tanta alegria, quanto participar da ação Gentileza naquele breve intervalo do meio dia.

Transbordei euforia durante o dia todo, e até hoje ao lembrar, sorrio sozinho. Foi muito bom. Bom para todos que estavam ali, para quem doou gentileza e para quem as recebeu.

Aprendi tanto contigo desde minhas primeiras revoltas em pintar quadradinhos, que nem uma enciclopédia de agradecimentos em todas as línguas daria conta de expressar o quão importante tu foi e é na forma como encaro meu trabalho e minha vida. Fico muito contente que sejas a professora homenageada da minha formatura, para mim, não haveria pessoa melhor.

Te agradeço muito por tudo, conte comigo pro que precisar (apenas me diga que é meia hora antes do horário que tu pretende que eu chegue).

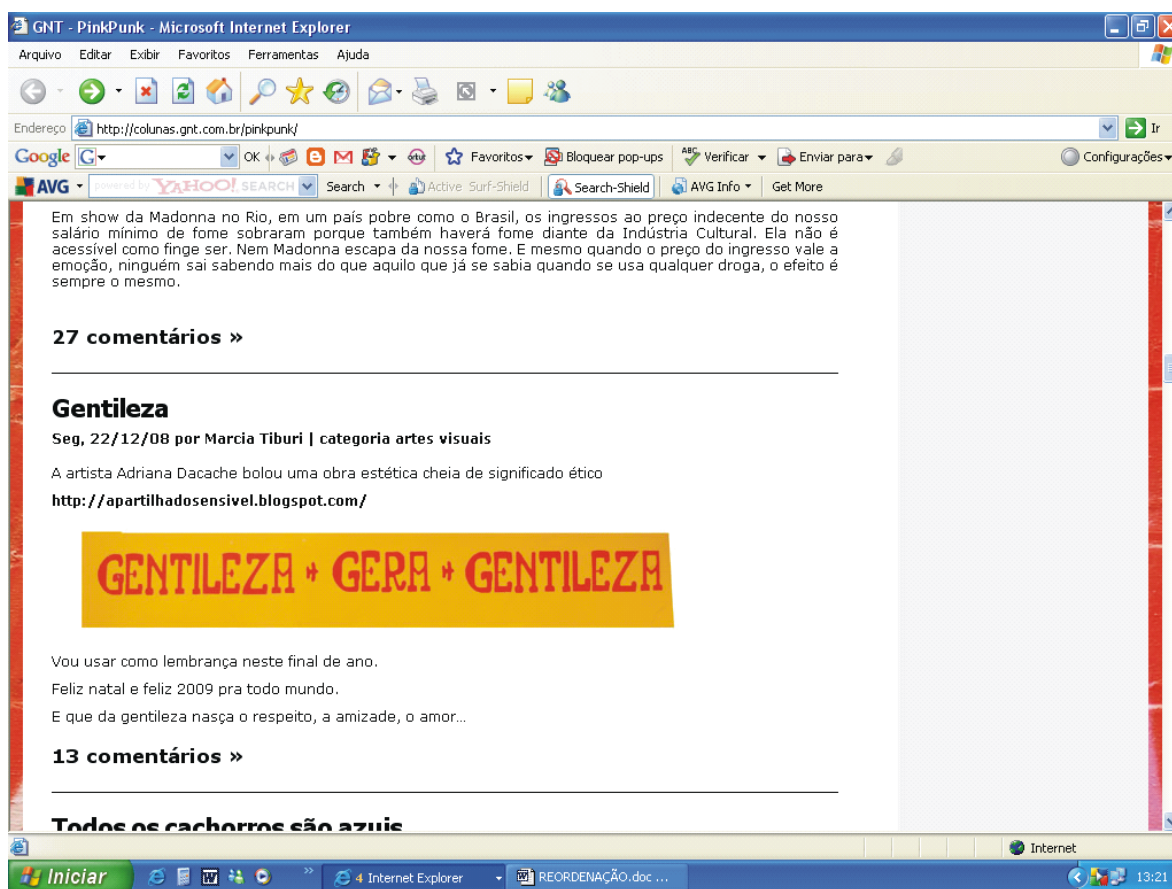
Pretendo poder encontrar a ti e ao Rodrigo de vez em quando, seja quando eu vier a Porto Alegre, seja quando vocês forem a São Paulo, nem que seja só pra dar um oi, tomar um cafezinho, dar um abraço.

Gosto muito de vocês.

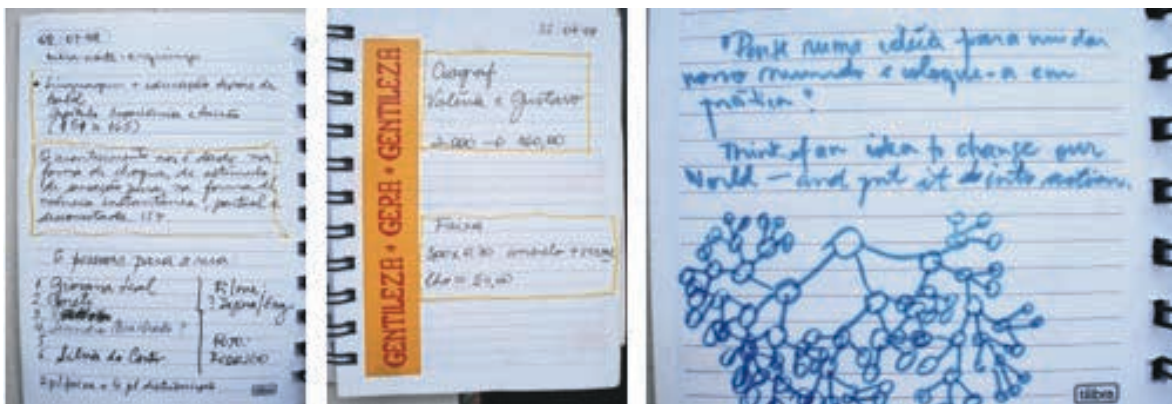
Abraço,

Scotta

Márcia Tiburi, em 22 de dezembro de 2008 em seu blog pessoal.



Meu caderninho de bolso e o fazer especial



GENTILEZA + GERA + GENTILEZA

10/10/2008

Passsei hoje bordando a “embalagem-presente” para a Márcia com os adesivos e camiseta. (...) Me pareceu surpresa com a lembrança.

14/10/2008

Colégio de Aplicação

(...) 90 criaturas conhecidas como adolescentes. Tornaram-se amigas. “Moça: você é pura gentileza!”. Foi divertido.

24/11/2008

No Bar do Beto

Os *Homens de Perto* se sentaram ao nosso lado. Dei alguns adesivos para cada um. Castiel me pediu mais e disse que colaria no CTG por ser um lugar de gente *faca na bota*.

Novembro de 2008

“Desespero são dez milhões de fogareiros acesos dentro da sua cabeça.”

Do livro *Mania de explicação*, de Adriana Falcão. Essa é para Marcelo!



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Magda Lemonnier recorta palavras nos jornais,  
palavras de todos os tamanhos,  
e as guarda em caixas.  
Numa caixa vermelha guarda as palavras furiosas.  
Numa verde, as palavras amantes.  
Em caixa azul, as neutras.  
Numa caixa amarela, as tristes.  
E numa caixa transparente guarda as palavras que têm magia.  
Às vezes ela abre e vira as caixas sobre a mesa para que as palavras  
se misturem do jeito que quiserem.  
Então, as palavras contam para Magda  
o que acontece e anunciam o que acontecerá.”  
Galeano*

Ao longo desta monografia e principalmente nos momentos de escrita, as palavras pareciam-me certas, seguras, cada qual em sua caixa, organizadas como a caixa da pequena Magda. Tudo se encontrava muito claro para mim. Porém, as trocas de palavras e até mesmo de caixas entre meu orientador e eu, produziram certa desordem importante. Misturei do jeito que soube, cuidadosamente.

A princípio, esta pesquisa seguia no sentido de realizar algumas ações diretas e uma indireta, ambas realizadas individualmente, por meio de pequenos objetos criados por mim.

Depois de uma primeira orientação, pensar somente um trabalho: o adesivo contendo a palavra gentileza. Senti-me um pouco frustrada, mas talvez houvesse algum sentido em falar acerca de um único trabalho, de uma única palavra, de um único gesto.

Busquei relações entre palavras como laço - no sentido de ligação -, construção de valores, modos de ver, incompatibilidades, e o que a princípio parecia restringir a pesquisa logo tomou corpo.

Obriguei-me, no sentido mais produtivo, a conhecer novas palavras, novas fontes e confesso, a medida em que o novo chegava, o conflito também se apresentava como companheiro.

Cheguei na palavra gentileza de outro modo. Fui atrás de seu significado talvez como nunca tenha ido antes. Mais do que reforçar a palavra (de) gentileza descobri outras tantas palavras, outros caminhos que me conduziram ao desconhecido, ao fora do controle, e ao mesmo tempo, de volta a ela mesma.

Percebendo a palavra gentileza, em seu melhor sentido possível, pensei em como seria ir de encontro ao outro, um indivíduo desconhecido, com a palavra em baixo do braço. Apenas sorrindo. Pensei em como seria o modo de ver de cada um, o significado da palavra para cada um, o que cada indivíduo faria com sua parte.

E descobri muita gente e muitos modos de ver. Modos esses que beiravam desde ser educado com alguém até um simples sorriso para um desconhecido. Ser gentil virou enquete no blog. Foram mais de 300 fotos, mais de 80 comentários e relatos. Alguns relatos li muitas vezes e confesso, chorei em todas. Todos os documentos encontram-se disponíveis no blog.

Um dos propósitos era saber onde as pessoas colavam seus adesivos e o porquê. Os lugares mais escolhidos foram os computadores, as geladeiras e os carros. Preferi não fazer porcentagem de nada.

Entre tantas descobertas, descobri Phillippe Breton que me apresentou tantas possibilidades por intermédio de um livro que se tornou de cabeceira. Ali, descobri maneiras de fazer melhor a partilha.

Multiplicar a palavra, praticar o bem para que o bem avance, ser gentil para que a gentileza prossiga e fazer ativamente, a gentileza.



Foto de Adriana Daccache

## REFERÊNCIAS DIÁRIAS

BRETON, Philippe. Elogio da palavra. Loyola, São Paulo: 2006.

CÂNDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. (p.13 49) Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

LARROSA, Jorge. Linguagem e Educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FALCÃO, Adriana. Mania de Explicação. São Paulo: Moderna, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2000.

GUELMAN, Leonardo. Brasil tempo de gentileza. Niterói: EDUFF, 2000.

## REFERÊNCIAS CORRIDAS

ROSENFELD, K. H. L. A incompatibilidade do cordial e do trágico. A propósito de Machado e Rosa, Musil e Clarice Lispector. In: Evando Nascimento. (Org.). Jacques Derrida: pensar a desconstrução. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, v. , p. 103-117.

ROSENFELD, K. H. L. Antonio Cândido: crítica e cordialidade. Publicado no DC Cultura, em 26/11/05, pp. 2-3.

BURNIER, Luis Otávio. A arte de ator: da técnica à representação. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única - Obras escolhidas II. Porcelanas da China (p. 15-16). São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

GALEANO, Eduardo. As palavras andantes. São Paulo: LP&M, 2000. Janela sobre a palavra IV (pág. 69).

GOETHE, Johann Wolfgang. Os sofrimentos do jovem Werther. Porto Alegre:L&PM, 2005.

MORAIS, Frederico. Arte é o que eu e você chamamos arte. Rio de Janeiro: Record, 1998.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Os usos da palavra. 2007. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PEREZ, Daniel Omar. Os significados dos conceitos de hospitalidade em Kant e a problemática do estrangeiro. *Konvergencias, Filosofia y Culturas em Diálogo*. Año IV, nº 15, Segundo Cuatrimestre, 2007.

## Filmes

MASAGÃO, Marcelo. 1,99: um supermercado que vende palavras. Brasil: 72 min., colorido, 2004.  
Disponível em:  
<[http://www2.uol.com.br/umnovenove/fetich\\_e\\_necessidade.htm](http://www2.uol.com.br/umnovenove/fetich_e_necessidade.htm)>

MOURÃO, Mara. Doutores da Alegria o filme. Brasil: 96 min, colorido, 2005.  
Disponível em: <<http://www.doutoresdaalegriaofilme.com.br>>

VINTERBERG, Thomas. *O dogma do amor* (It's All About Love). Dinamarca: 104 minutos, colorido, 2003.

LEDER, Mimi. *A corrente do bem* (Pay it forward). EUA: 122 minutos, colorido, 2000.  
Disponível em: <[http://payitforward.warnerbros.com/pay\\_it\\_forward](http://payitforward.warnerbros.com/pay_it_forward)>

MEIRELLES, Fernando. Ensaio sobre a cegueira (Blindness). Japão/Brasil/Canadá: 120 minutos, colorido, 2008.  
Disponível em: <<http://www.ensaiosobracegueirafilme.com.br>>

## Sítios e blogs

<[www.memoriaemovimentossociais.com.br](http://www.memoriaemovimentossociais.com.br)> (Acessado muitas vezes)

<<http://profetadegentileza.blogspot.com/2006/08/maria-jos-oliveira-gentileza-nas.html>>  
(OLIVEIRA, Maria José) (Acessado muitas vezes)

<[Http://www.marciatiburi.com.br](http://www.marciatiburi.com.br)> (Acessado muitas vezes)

## APÊNDICE

As fotos a seguir foram enviadas para o blog.



Rodrigo Núñez



Marina Polidoro



Livia Perrone



Giana Kummer

GENTILEZA + GERRA + GENTILEZA



Paola Zordan



Adriana Daccache



Adriana Daccache

GENTILEZA + GERA + GENTILEZA



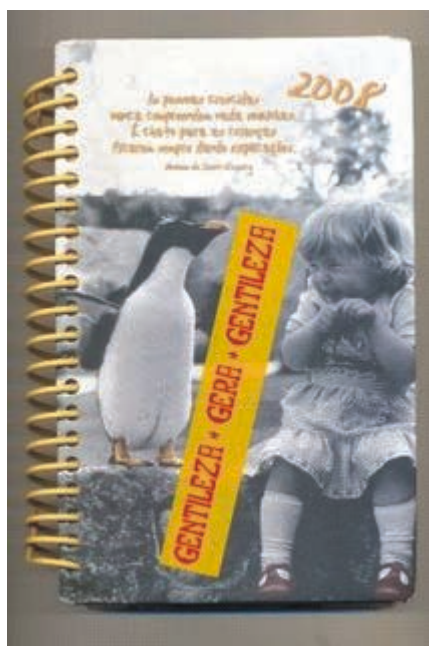
Renato Heuser



Walter Rosa



Leandro Selister



Angélica Neumaier



Regina Veiga



Regina Veiga





Regina Veiga



Regina Veiga



Regina Veiga

GERA + GENTILEZA



Regina Veiga



Regina Veiga